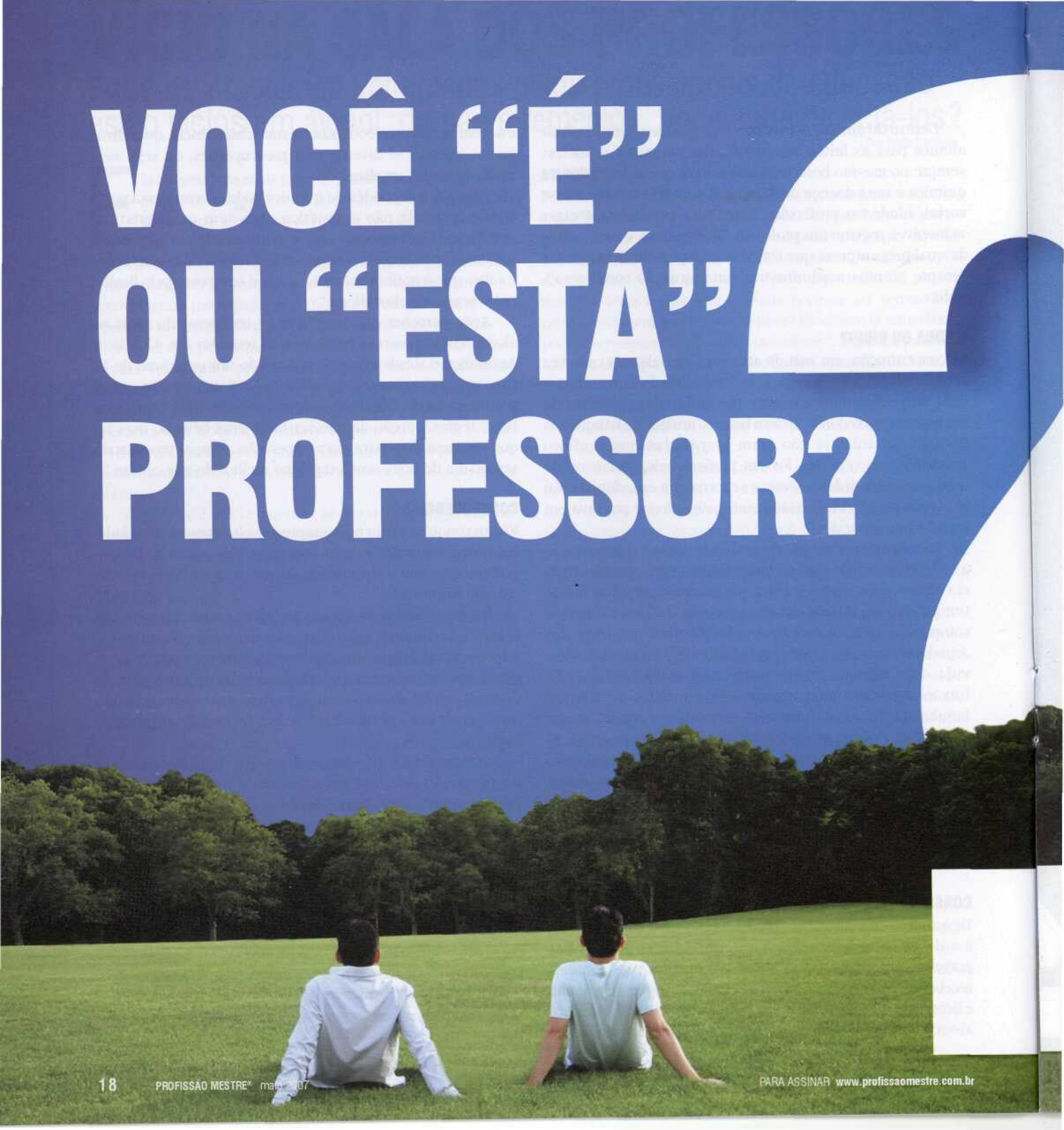
VOCÊ "É" OU "ESTÁ" PROFESSOR?



PARA ASSINAR www.profissaomestre.com.br

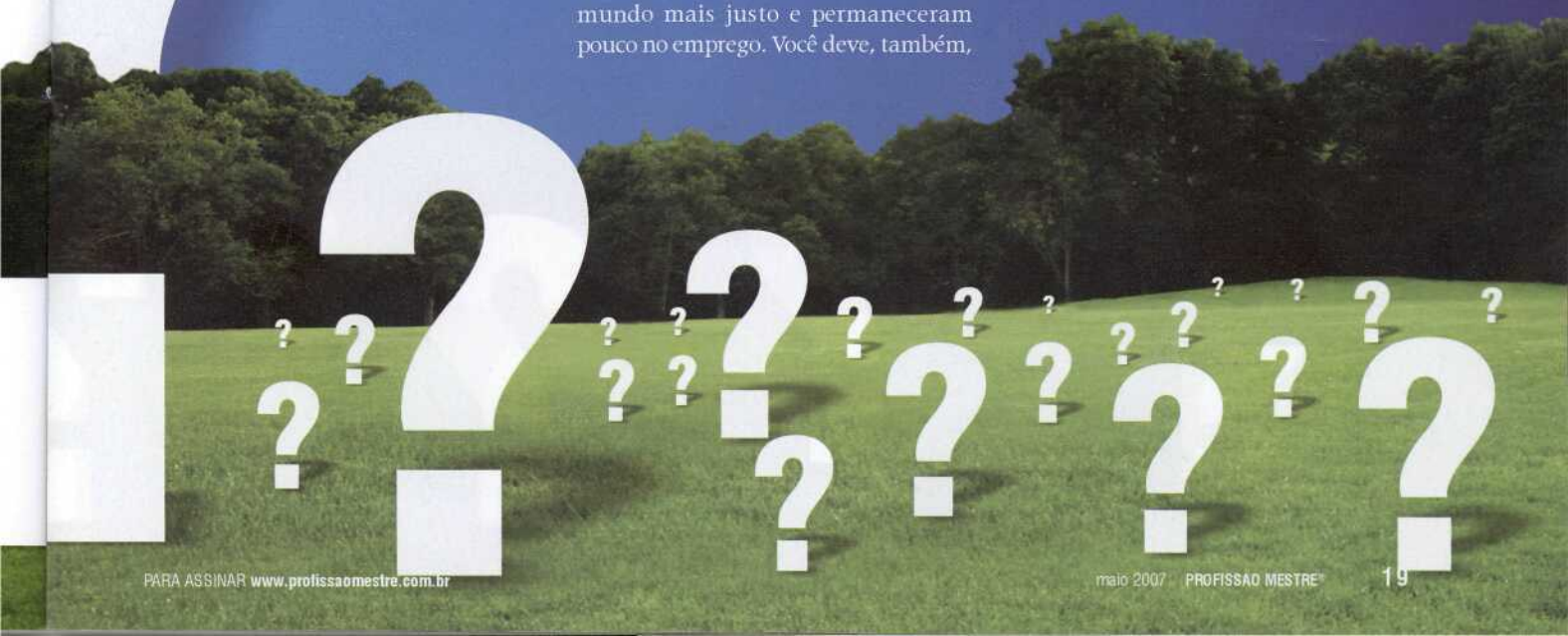
A paixão, a necessidade, o status, o comodismo, a vocação. Inúmeras razões levam uma pessoa a seguir a carreira de professor. Às vezes procuram por status e acabam se descobrindo apaixonados; outras vezes procuram pela paixão e com o tempo ficam acomodados. Os motivos que levam uma pessoa a "ser" ou "estar" professor são inúmeros e as vantagens e desvantagens não param na insatisfação ou realização pessoal de cada um; é o aluno quem vai se beneficiar ou não dessa escolha.

Temos o caso de Heloísa Helena e Geraldo Alckmin, dois políticos candidatos à presidência, que voltaram a lecionar. Como se sabe, eles não alcançaram os seus ambiciosos objetivos, mas estão tranqüilos na nova fase em que se encontram. Agora, se eles são os "estão" professores, aí só assistindo algumas aulas para saber.

Muitos estão fazendo curso de formação de professores depois de adultos por acharem que nessa área não falta emprego. Há pessoas sérias que tentaram, antes, outras formas de contribuir com a reconstrução de um mundo mais justo e permaneceram pouco no emprego. Você deve, também, conhecer alguém que procurou a profissão porque trabalha menos e ganha-se proporcionalmente mais, ou que estudou para fazer concurso, garantindo uma estabilidade para o resto da vida.

A diretora educacional da Província Marista do Brasil Centro-Sul – que congrega 16 colégios de várias regiões do Brasil – Ana Tereza Spolini, avalia todos esses tipos de professores espalhados no mercado, mas prefere não generalizar pensando que todos esses são simplesmente aproveitadores dos benefícios de uma profissão. "Já vi profissionais da educação que iniciaram sua vida com base nessas motivações e que se tornaram 'professores vocacionados'. Com brilho no olho e tudo", destacou.

Segundo ela, em todos os ramos do trabalho há os que estão nele por conveniência ou por circunstâncias e há os que estão por opção. "Para ensinar crianças e adolescentes, professores são necessários. Professores que "são", não professores que "estão"."



A DIFERENÇA A PARTIR DA FILOSOFIA

A filosofia ajuda a entender a questão. Para o filósofo José Roberto Neves D'Amico aquele que "é professor" foi escolhido pela profissão e o que "está professor" a escolheu, talvez pelo "status", pela fantasia do poder que a profissão sugere, ou pela possibilidade de ser uma mera complementação de renda. Ou seja, conclui D'Amico, o "ser professor" é aquele que cativa naturalmente, que se empolga espontaneamente com a possibilidade de proporcionar aos alunos conteúdos que sejam apropriados às suas visualizações. "O aluno deve sair da sala de aula ou dos encontros com os professores, satisfeito com os conteúdos debatidos. Não estamos mais no tempo em que o aluno nada tem de importante a contribuir", avalia o filósofo.

Na prática, D'Amico acredita que exercer o "ser professor" é extremamente gratificante quando este contribuiu na formação pessoal e, por conseqüência, na formação de outros. Por exemplo, explica ele, o "ser professor" não deve tratar as várias turmas da mesma maneira, mesmo que a disciplina seja a mesma. As turmas são formadas por diferentes alunos e têm interesses e características diferentes. "O 'ser professor' deve ter sensibilidade para percebê-las e deve adaptar a disciplina às necessidades e perfil de cada turma, caso contrário, o professor não terá o respeito, a credibilidade e a simpatia devidos perante a turma. Se não o fizer, estará agindo de maneira homogênea, que é o status que o 'estar professor' dá às disciplinas que ministra", diz.

INVESTIGAÇÃO FILOSÓFICA

Para a coordenadora do Centro Brasileiro de Filosofia para Crianças e professora universitária e de ensino médio do Estado, Dalva Garcia, esta suposta classificação entre ser e estar não é tão simples quando entra-se no terreno fértil, porém perigoso da investigação filosófica.

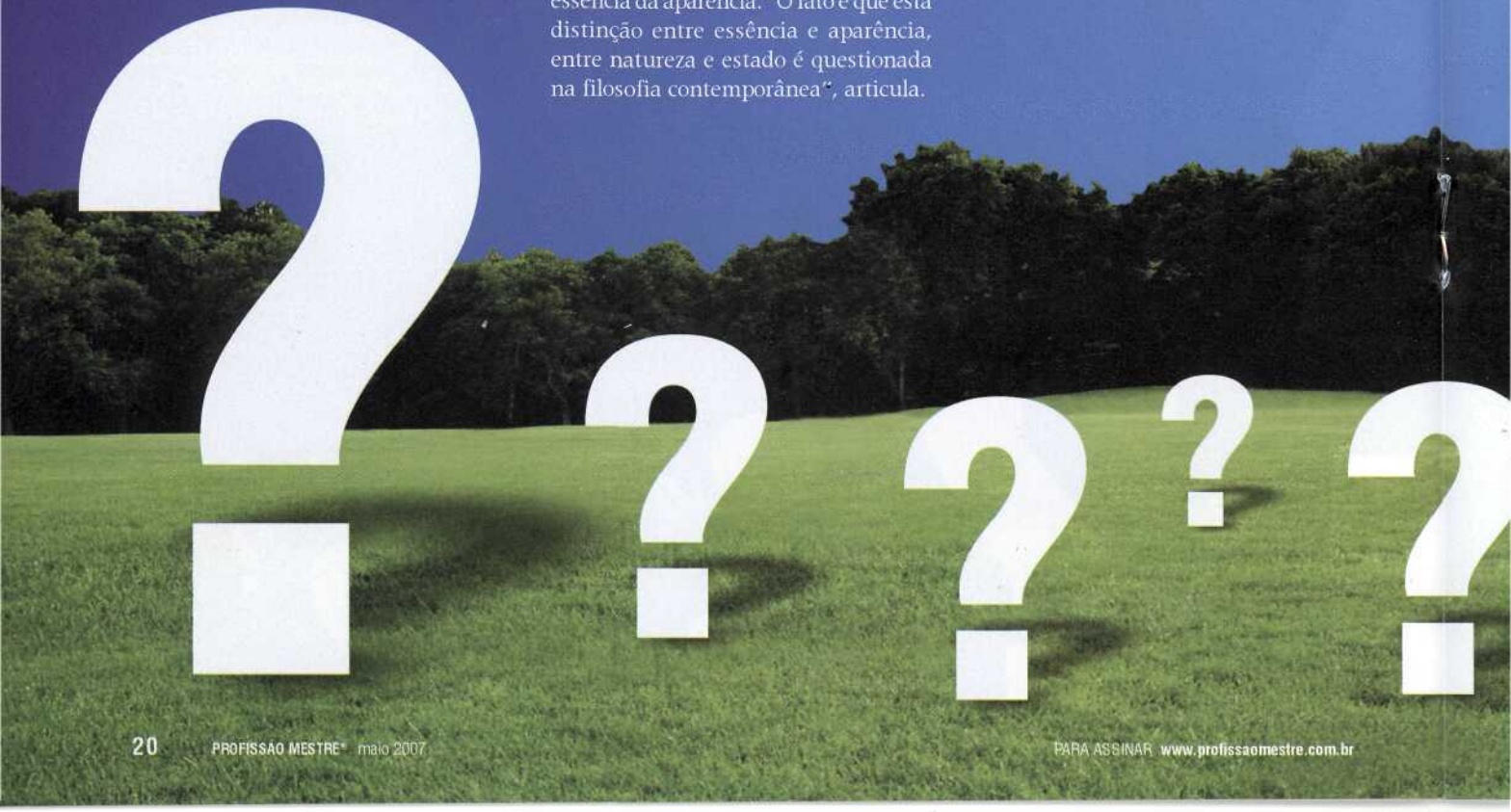
"Se tomarmos como referência a filosofia aristotélica, o que chamamos de estado estaria na categoria do acidental e, portanto, distante das afirmações sobre a natureza ou essência das coisas que nos permitiria chegar aos conceitos relevantes ao nosso processo de conhecimento verdadeiro", diz.

Para ela, se abordar com rigor ou profundidade os fundamentos da filosofia aristotélica fica clara a pretensão filosófica de diferenciar a essência da aparência. "O fato é que esta distinção entre essência e aparência, entre natureza e estado é questionada na filosofia contemporânea", articula.

O exemplo mais contundente é o de Sartre, segundo ela. Para o filósofo francês, não poderíamos atribuir ao humano uma essência porque "a existência precede a essência". "Na existência, no nosso fazer, nos tornamos o que somos."

Dalva revela que a solução não seria se lamentar dos acidentes que o "jogaram" na sala de aula, mas pensar com seriedade sobre o que é possível fazer consigo e com os outros diante desse estado de coisas em que se envolveu, também, por escolha. "O cerne desse problema não seria o do 'ser' ou do 'estar', mas, sim, perguntar com honestidade sobre o que nós estamos fazendo e por que fazemos da forma que estamos fazendo", afirma.

Para ela, não se trata de classificar quem é professor e afastar da ação educacional quem, por acidente, está professor, mas de refletir, com freqüência, se estando ainda quero ser. "Dessa forma, posso responder que não apenas já estive nas duas situações. Mesmo, porque, isso é fundamental para repensarmos nossa ação educacional e nossos anseios e perspectivas pessoais e profissionais."



PARA ASSINAR www.profissaomestre.com.br

OS TIPOS DE PROFESSORES NAS IES

A professora de Filosofia da Educação da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Doroti Martins, avalia os diferentes tipos de docentes das universidades. Para ela há basicamente duas figuras. O primeiro é aquele educador de fato, que se preocupa com os alunos, que dialoga, tem conhecimento "fantástico" na sua área específica e se preocupa com a questão pedagógica. "Esses são excelentes mestres", diz.

No entanto, ela avalia o outro estereótipo que procura a academia não com a mesma dedicação e competência que cabe na atuação como professor, mas porque o seu maior objetivo ali é pela pesquisa. "Como o Brasil é um País que não investe em cultura, um dos únicos lugares que resta para desenvolver a pesquisa é permanecer nas universidades, principalmente, as públicas", avalia Doroti, que já foi secretária de Educação do município de Florianópolis.

O PROFESSOR DE ESCOLA PÚBLICA

Ela cita, ainda, outros professores, como aqueles que ensinam por conta do status ou procuram a segurança financeira. A busca pela estabilidade é um ponto forte de professores que procuram a rede pública, mas segundo Doroti, é visível o grande número de educadores que fazem questão de trabalhar nestas escolas por princípio e compromisso com o serviço. "As condições de trabalho na escola pública estão num nível de deteriorização absurdo, o alunado possui um grau de complexidade muito maior", diz.

Ela explica que os contratos desses professores acabam se limitando às horas/aula em sala, não permitindo pagamentos extras de hora/atividade para o professor planejar e programar as suas aulas. "Esses professores, sim, que passam por todos esses problemas, seguramente 'são professores', independente se buscam nestas escolas a estabilidade", afirmou.

O PROFISSIONAL LIBERAL

Já os profissionais liberais, que procuram a docência para receber um extra a mais ou porque não conseguiram colocação no mercado de trabalho, esses "estão professores", na opinião de Doroti, e não podem ser chamados de educadores no sentido pleno da palavra. "É uma questão estrutural no mundo do trabalho, não são professores", diz.

"PARA SER GRANDE É PRECISO SER INTEIRO"

O professor de Inglês do Colégio São Luís, em São Paulo, José Garcia Ghirardi, começou a lecionar aos 23 anos. Antes disso, achava que a sua vocação era para ser advogado. Já nos primeiros anos nesta carreira, percebeu que não era bem aquilo que queria para a sua vida. A docência apareceu na sua vida por acaso, quando no Colégio São Luís, foi cobrir como professor substituto, numa situação emergencial, e nunca mais saiu. Já são 21 anos na mesma instituição. "Me senti tão à vontade em sala de aula, neste dia, que resolvi apostar na carreira de professor", conta.

Por aí não se tem dúvidas que Ghirardi "é" professor e neste processo ele diz que trabalha sempre visando o coletivo. "A aula não é só o professor. A aula é a história dos alunos que está acontecendo. O professor tem que perceber que a aula tem uma significação humana para os estudantes".

Para ele, "ser" professor é diferente de "estar" professor, principalmente, no que tange respeitar a diversidade de seus alunos. "Todo ser humano possui características diferentes e é importante que a escola acolha esta diversidade, não tem forma para ser professor, como não tem forma para ser aluno". E quando Ghirardi exerce as suas atividades como professor, ele conta que sempre lembra da frase de Fernando Pessoa: "Para ser grande é preciso ser inteiro".

A PERCEPÇÃO DE QUEM FAZ O RECRUTAMENTO

A diretora educacional do setor de educação da Província Marista do Brasil Centro-Sul, Ana Tereza Spolini, no dia-a-dia do seu trabalho tem a função de orientar pedagogicamente a educação básica e escolher professores capacitados para atuarem nas instituições que congregam a Província. No momento da contratação de um professor, ela conta que procura o brilho no olhar, a emoção na voz e o discurso empolgante. Se há uma certa inquietude corporal, se a referência aos alunos e a seus familiares é feita com cuidado e respeito, então, as chances de esse profissional "ser" e não "estar" professor são muito grandes. Acompanhe entrevista:

COMO DETECTAR NUMA ENTREVISTA DE TRABALHO SE O PROFISSIONAL "É" OU "ESTÁ" PROFESSOR?

É comum se observar distâncias entre o que alguém fala e o que ele é. Geral-mente, o que se é como professor e o saber pedagógico que se tem manifesta-se pelas ações. Nesse sentido, é preciso prestar muita atenção a indicadores, que não, necessariamente, estão explicitados no discurso. Com a fala acompanham vários sinais não-verbais. Então, é preciso saber ler esses sinais, essa outra forma de expressão.

É preciso saber ouvir o não dito, o inaudível, o invisível. Na minha experiência, procuro "ouvir" a paixão pela profissão, pelos alunos, pelo saber. "Ler" outras linguagens. O nosso corpo manifesta o que sentimos. O olhar, o tom da voz, o peso nas palavras, os gestos e os silêncios são focos de minha atenção. Assim, se o "olho brilha", se a fala fica mais empolgante em algum momento e se há emoção na voz, então as chances de esse profissional "ser" e não "estar" professor são muito grandes.

E NO DIA-A-DIA EM SALA DE AULA?

No dia-a-dia, a melhor forma, ao meu entender, é a de acompanhar a relação do profissional com os alunos e com o saber, a gestão da aula. O planejamento das atividades, o não se contentar apenas em verificar o que vai "dar" no dia, mas se preocupar bem mais com o sujeito que vai aprender a "matéria", conhecer bem as crianças ou os adolescentes, seus momentos psicológicos, seus interesses, suas dificuldades são bons indicadores. O "ser" professor também pode ser notado no processo de aprendizagem. Se houver vínculo, se houver compromisso entre professor e aluno e seus familiares, provavelmente a aprendizagem se dará de forma mais natural. Enfim, afirmar se alguém "é" ou "está" professor requer convivência, partilha e observação.

QUAIS CARACTERÍSTICAS SÃO AVALIADAS NO PROCESSO DE SELEÇÃO?

Há de se verificar competências relacionadas à leitura, à escrita, à comunicação oral. Os motivos pelos quais alguém quer trabalhar nessa área devem ir além "do gostar de crianças ou de adolescentes".

É fundamental saber, ainda, como a pessoa poderia ser um profissional "diferente", com que modelos gostaria de romper, qual sua preocupação com as problemáticas atuais da humanidade. Costumo pedir relatos de experiências que deram certo e que não deram certo. Percorrendo os argumentos é possível analisar como o candidato lida com problemas, suas iniciativas, seus modelos de relacionamentos.

QUAL A SUA DEFINIÇÃO PARA AQUELE QUE "É PROFESSOR"?

É o profissional que faz da docência sua opção primeira, a escolha com predileção e convicção, vocação, "dar certo", acreditar na educação. Realiza satisfatoriamente a dimensão menos interesante da profissão (burocracias, por exemplo) com responsabilidade e autonomia por acreditar fazer parte integrante dos processos pedagógicos.

Para esse professor, a aula é desejada, cada turma é desejada por ser única, o saber é desejado por ser intrigante, os pais são desejados e entendidos como parceiros. A reflexão com seus pares, o estudo, a investigação são desejados. Há uma força energética que mantém o entusiasmado acima do cansaço, a esperança acima das dificuldades, a procura acima de todas as respostas.

E "ESTAR" PROFESSOR?

Em geral, esse profissional apresenta dificuldades para cumprir as desdobras da profissão. Tolera a sala de aula, a aula que precisa dar. Esse sentimento de tolerância ocupa o espaço da esperança. Está sempre ligado em outras possibilidades profissionais, por isso, não se entrega totalmente ao seu ofício de mestre. Não constrói vínculos. Não tem disposição para melhorar a profissão, faz o mínimo, não é generoso. Formam esse grupo dois tipos de profissionais: os que sabem estar aí por conveniência e os que acreditam ter a vocação. Nesse segundo caso, o gestor precisa ajudá-lo a perceber-se como alguém que deve partir para novas buscas profissionais. Ajudar a "auto-avaliar-se".

COMO O ALUNO SE BENEFICIA COM AQUELE QUE "É" PROFESSOR?

A probabilidade de estabelecer vínculos afetivos é maior. O aluno tem no professor um guia, um orientador. Acredita nele. Sente no professor a paixão de ensinar e a paixão pelo saber e se deixa contagiar. Motiva-se, interessa-se pela sua disciplina, pela função que a escola representa para ele. Aprende mais e se modifica. Procura-o nas horas incertas. Confia nele. Admira-o. Sente-se acolhido. Aceita suas exigências porque não há dúvidas quanto às intenções. Muitos alunos dizem: quero ser igual a ele.

Fonte: ProfissãoMestre, ano 8, n. 92, p. 18-22 , maio. 2007.